

Maiores devedores mostram peso

Nova Iorque — Durante quase três horas, o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, reuniu-se ontem na sede do Banco do Brasil com os ministros da Economia, Juan Sourrouille da Argentina, e das Finanças, Gustavo Petricioli, do México, para estabelecer um mecanismo regular de consultas entre os três maiores devedores do mundo, um dia antes da apresentação da proposta de renegociação do débito brasileiro de 67 bilhões de dólares para com os bancos privados.

Evitando contato com o batalhão de jornalistas que os aguardava diante da agência do BB, na 5ª Avenida, os ministros aceitaram apenas posar para imagens antes da reunião, prometendo fazer declarações ao final. Antes, como primeiro compromisso de Bresser Pereira nos Estados Unidos, os três almoçaram em um dos mais caros restaurantes de Manhattan — Le Cirque, na rua 58 com a 65, especializado em comida francesa.

Banqueiros ouvidos por jornalistas em Nova Iorque interpretaram o encontro dos três ministros como uma espécie de lembrete aos credores para deixar claro o peso que teriam caso Brasil, México e Argentina sejam obrigados a se unir diante de eventuais resistências da comunidade financeira em buscar novos caminhos para o endividamento da América Latina. Bresser não quis fazer comentários sobre esta hipótese.

O governo argentino vem acompanhando com grande interesse a preparação da proposta de renegociação da dívida brasileira, por estar insatisfeito com o acordo feito há um ano com o Fundo Monetário Internacional e com os bancos privados. Até agora o acordo com os bancos não foi assinado e, internamente, o ajuste decorrente da Carta de Intenções com o FMI foi responsabilizado pela derrota de Raul Alfonsín nas recentes eleições.

Com uma dívida externa de 54 bilhões de dólares, a Argentina vem enfrentando novamente problemas de balanço de pagamento, devendo precisar novamente de dinheiro novo dos bancos credores no próximo ano.

Por estas razões, interessa a Sourrouille que o Brasil obtenha o máximo possível das negociações que se iniciam hoje em Washington.

A situação do México, entretanto, é diferente — daí não se esperar do ministro Petricioli mais do que declarações diplomáticas de apoio aos outros dois grandes devedores, na mesma linha seguida durante a viagem do presidente José Sarney àquele país, no mês passado. Apesar da dívida de 100 bilhões de dólares o México tem atualmente reservas em ouro e moeda estrangeira estimadas em 16 bilhões de dólares (contra cerca de 4 bilhões do Brasil) em suas exportações não-petrolíferas começam a ultrapassar as vendas de combustível.